

“Numa psicanálise descobre-se que a vida adulta é sempre menos adulta do que parece.

Ela é pilotada por restos e rastros da infância” Contardo Calligaris.

A filha perdida: questões sobre a feminilidade

Flavia Chiapetta

A filha perdida é um filme dirigido por Maggie Gyllenhaal, baseado no livro homônimo, de Elena Ferrante e conta a história de Leda, uma professora universitária, divorciada, em férias numa pequena ilha grega, sozinha, longe das filhas já adultas. Na ilha, ela topa com uma família italiana, numerosa e barulhenta, também em férias no lugar. As cenas da família, no dia a dia na praia, despertam em Leda recordações de sua vida passada; e, dentre os italianos, Nina e Elena, mãe e filha, aguçam seu interesse porque, a seus olhos, Nina parece ser a mãe perfeita e demonstra sentir muito prazer na companhia da filha. Leda se envolve cada vez mais com essas duas figuras e com uma boneca, o objeto de brincar da menina Elena. Em determinado momento, a filha de Nina se perde na praia; a família se mobiliza em procurar a menina e é Leda quem a encontra. Mas a aflição da família não termina, pois a boneca da menina não foi encontrada, o que a faz chorar durante dias, ter febre, não dormir etc. Neste ponto, ficamos sabendo que foi ela, Leda, quem achou a boneca e a escondeu no hotel em que estava hospedada.

A trama é construída em feedbacks: as cenas atuais remetem a experiências antes vividas pela protagonista. Assim, vamos assistindo Leda travar conflitos com seu lugar no mundo, na trincheira sobre o que pode ou não fazer, como filha, como mãe e como mulher. Acompanhamos o que se autoriza por si mesma, e o que é demanda do Outro, arrastando questões do passado das quais não consegue se desvencilhar, em seu lugar de filha.

Silvina Hernández

O nome do nosso grupo refere-se ao que resta da infância, em qualquer disciplina, não importa a idade.

A posição fantasmática de um sujeito constituído se dá com os resquícios “do que foi visto e ouvido”. Foi assim que nosso grupo começou, trabalhando em questões que encontramos na clínica. Pacientes com posições masoquistas de difícil movimentação, identificações que

promoviam encenações e sintomas complicados e arriscados. Trabalhamos o infantil a partir do complexo de Édipo, do recalque, do Nome do pai, de todos os elementos estruturais que constituem o infantil em psicanálise, e que perduram na vida adulta.

A filha perdida, nos permitiu voltar a esses conceitos de como a história dessa mulher é contada no filme. A família italiana com a qual se encontra neste local de férias espelha a sua própria vida, tanto nas suas semelhanças como nas suas diferenças.

O filme mantém uma tensão dramática o tempo todo, um conflito aparentemente não resolvido, que aos poucos vamos conhecendo, vemos que Leda sofre, e que ela se lembra de cenas difíceis de sua vida, geralmente no que diz respeito à tensão entre maternidade e mulher. O conflito entre cuidar das filhas e ter uma vida profissional. Entre sua vida familiar e sexualidade exogâmica.

Fica claro no filme como a vida passada se confunde com seus desejos para o futuro, nas decisões que toma em cada presente. Ou seja, a relação de Leda com a mãe, a própria maternidade e o desejo de ser uma acadêmica de destaque.

São dois atos que permitem uma certa resolução do conflito, resolução sintomática e no limite da passagem ao ato, no limite da cadeia significante, tensionando o imaginário simbólico com um real aparentemente pouco amarrado.

Se você já assistiu ao filme, podemos concordar que o que ele faz com a boneca, “é uma loucura” , ela lava a boneca, compra a roupa dela, cuida dela.

E o outro ato é o caso amoroso que teve quando jovem com um homem do âmbito do seu trabalho, fora do casamento e que a distancia da família. Ambos os atos são sintomáticos, têm um custo para Leda e um sofrimento significativo, mas ousaria dizer que a resgatam de permanecer totalmente como objeto do Outro.

O filme transmite muito bem as angústias de Leda, mas também os momentos de felicidade, já que ela consegue se livrar daqueles objetos que a afogam.

Carolina Fábregas Solsona

Opacidade: o que o falo não drena.

O que é infantil para um psicanalista, é história infantil, é infância? Usando uma metáfora freudiana poderíamos dizer que é como um dinossauro andando pelas ruas de Viena.

A Silvina e a Flávia fizeram um relato do percurso que fomos fazendo no nosso grupo e que curiosamente termina com o trabalho de leitura dos ecos que este filme fez ressoar em cada um de nós.

O filme coloca em tensão as figuras mãe/mulher, de uma forma que poderia ser mais/menos o emaranhado que qualquer mulher passa ao longo de sua vida, por isso achei interessante sublinhar e ler a cena que propomos a autora dessa trama em que Leda, a protagonista, rouba a boneca de Helena, a menina que se perde na praia. Uma cena que interrompe a marcha de uma leitura compreensiva. Há algo que irrompe, se cruza com essa cena .

Leda rouba a boneca de Helena. Parece não haver hesitação em seu ato, que é acompanhado de um silêncio perturbador para o espectador, justamente onde ele não compreende. Parece ser algo perturbador na trama. Diante do choro da menina pela boneca perdida, Leda não se comove, esconde a boneca, limpa, veste, muda de lugar, joga fora... Pontos de opacidade, o leitor fica desorientado.

Interessa-me resgatar o título original do livro de Elena Ferrante que deu origem ao filme: "La figlia oscura" pois penso que o afastamento da boneca e a relação de Leda com ela é o que de alguma forma dá existência àquela escuridão. tão escuro, embora ainda seja opaco.

Assim, algo é colocado em cruz para nós, algo que o falo não pode drenar, que não entra no significado fálico. Tentamos explicar, encontrar algum sentido, mas essa cena persiste como um ruído de fundo, enquanto outras as coisas acontecem, mas persiste no final. para nos fazer ouvir alguma coisa. E se as figuras da mãe/mulher fossem o engano com que esta obra tenta, nos distrair porque o jogo está sendo jogado em outro lugar?

A esta altura lembro-me de uma entrevista que fizeram com a escritora argentina Maria Negroni para o seu livro "El corazón del daño" Despreparadamente pode-se dizer que é um livro sobre a relação tempestuosa e amorosa da escritora com a própria mãe. No entanto, Negroni esclarece que o que ela queria escrever tem a ver com a possibilidade de escrever uma ferida.

Ferida, palavra que em seu percurso etimológico está associada a perfurar, perfurar, fazer um buraco.

Lacan nos faz uma pergunta em seu texto de 1958 sobre a sexualidade feminina: “Será possível que a mediação fálica escoe tudo o que pode se manifestar como pulsional na mulher, e principalmente toda corrente materna?” O falo escoa tudo? ?

Para finalizar, me pergunto se é com essa infantilidade que tem a particularidade do fixo e se amassa com os restos do que se ouve e se vê pelo infans que tenta escrever a fresta por onde um gozo que não é fálico encontra seu arestas. ?

Roberta Manozzo

Leda, protagonista do filme, A Filha Perdida, pretendia tirar férias tendo como destino uma pequena ilha na Grécia. Sua intenção era se refugiar, ficar sozinha, longe do trabalho, da família, da rotina, supostamente para relaxar e descansar.

Porém, o que inicialmente se pretendia "tirar férias", se transforma em uma intensa jornada reflexiva, onde Leda navegará pelo vasto oceano de suas lembranças, afetos, memórias, recordando sua história, enquanto observa a vida daquelas pessoas de sua cadeira de praia. Aos poucos, suas observações se transformam em um intenso trabalho psíquico que aqui farei uma alusão a um processo analítico. Em seu texto de 1914, Repetir, Recordar e Elaborar, Freud nos diz que as técnicas servem para preencher lacunas na memória, dinamicamente, é superar as resistências devido à repressão.

Quando passa a observar obsessivamente a relação de Nina (mãe) com sua filha Helena, Leda recorda-se de suas duras memórias, passando a interrogar seu lugar de mãe. Primeiramente, Nina representa para ela a mãe impecável, disponível integralmente para a filha, aquela que não pode ser para suas duas filhas, Bianca e Martha, porém, no decorrer da trama identifica - se com algumas atitudes de Nina onde esta mãe completa cai surgindo uma mulher desejante para além da maternidade. Quando Nina perde a filha na praia, fica desesperada e começa a procurá-la com ajuda de sua família, Leda auxilia na busca e acaba encontrando a menina, entrega a criança para a mãe, mas surpreendentemente, fica com sua boneca, que esconde em sua bolsa de praia. No livro de Elena Ferrante temos a frase: "Uma mãe não é nada mais do que uma filha que brinca."

Após o roubo da boneca, Leda passa a cuidar dela, lavando seus cabelos, apagando seus

rabiscos, dando-lhe roupas novas. A boneca de Helena a faz recordar da sua primeira boneca de infância que empresta para sua filha mais velha Bianca para distraí-la, pois demandava de sua atenção enquanto se ocupa da filha mais nova Martha. Bianca então rabisca, despi, senta em cima da boneca. Ao perceber o descuido da filha com sua boneca, Leda fica furiosa e arremessa a boneca pela janela ficando logo depois impactada com seu ato. Leda passa a brincar, cuidar, guardar, dormir com a boneca de Helena mesmo que em alguns momentos pense em devolvê-la, não o faz.

Neste mesmo texto de 1914, Freud diz que é lícito afirmar que o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas sim o atua. Ele reproduz não como lembrança, mas como ato, ele repete naturalmente sem saber que o faz.

A boneca permite Leda atuar, ou seja, exercer a maternidade, tentativa de elaborar conflitos e culpa por ter abandonado as filhas para se dedicar a vida acadêmica durante três anos. A repetição ocorre também em suas pequenas fugas, foge para a praia, não gosta de falar ao telefone com as filhas, foge deste lugar incomodo de mãe. Também fugiu de sua cidade natal e da casa da mãe pela qual nutria enorme desprezo por ser uma mulher simples.

Freud nos ensina que o paciente repete ao invés de recordar e repete sob as condições da resistência. Podemos perguntar o que ele repete ou atua. Repete tudo que já avançou a partir das fontes do reprimido da sua personalidade manifesta, suas inibições, suas atitudes inúteis e seus traços patológicos de caráter. Repete seus sintomas no decurso do tratamento.

Através dos cuidados com a boneca Leda parece iniciar um processo analítico que simbolicamente representa suas filhas, trás a possibilidade de fazer diferente, um novo significante. Neste mesmo escrito Freud nos alerta de que devemos tratar a doença não como um acontecimento do passado, mas como uma força atual. Este estado de enfermidade é colocado, fragmento por fragmento, dentro do campo e alcance do tratamento e, enquanto o paciente o experimenta como algo real e contemporâneo, temos que fazer sobre ele nosso trabalho terapêutico, que consiste em grande parte, em remontá-lo ao passado.

Em seu livro, O que resta da infância, Colette Soler refere que o sujeito não pode dizer "eu repito" e sim "eu sou repetido", daí porque faz-se importante a retificação que Lacan faz ao conceito Freudiano de repetição. Essa pontuação faz notar que a repetição não é uma escolha, não depende do sujeito visto seu automatismo, ela é antes, um destino que compartilham todos os falantes, da criança ao adulto, sendo que a única diferença é que para a criança trata-se do tempo

UM (traço Unário), traço de inscrição daquilo que vai se perguntar em seguida, do que não vai mais cessar de se escrever depois dessa primeira vez na infância e que se cola ao próprio estatuto do sujeito como efeito de linguagem.

Referencias

FERRANTE, Elena. A Filha Perdida. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

LACAN, Jacques. O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

SOLER, Colette. O que resta da infância. São Paulo: Escute, 2018.

FREUD, Sigmund (1914). Recordar Repetir Elaborar (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II), in: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, vol.XII, 2006.

Ana Virginia Nion Rizzi

Deise Stein

O eixo condutor do nosso trabalho gira em torno das questões: “Como é possível alojar o filho no desejo da mãe, se este articula-se à significação fálica e ao gozo feminino?”. “Como é possível para uma mãe atender a demanda de uma filha, desde o seu lugar de mãe, realizando a maternagem que ressoa no seu próprio lugar de filha?”. “Quais são as vicissitudes da encruzilhada formada pela junção dos lugares subjetivos de mãe, filha e mulher, que aparentemente são distintos, mas que se entre cruzam, se superpõem e se cortam?”.

A maternagem da personagem Leda, protagonista do filme, se realiza em torno de possibilidades de alojamento de suas filhas em seu desejo, em especial a mais velha. Como pode acolher a demanda da filha, se ela mesma, enquanto filha, parecia estar no lugar de algo estragado, depreciado, a ser rejeitado, e que não lhe deixou nem a beleza nem a feminilidade que reconheceria na sua própria mãe?

Ao se tornar mãe, parece que ela consegue alcançar indícios de beleza de sua mãe, que surpreendentemente reconhece na sua filha mais velha, pois esta conseguia lhe extrair algo disso.

As filhas lhe provocam, na vivência cotidiana, uma desacomodação, sem possibilidades de que outro intervenha, e transbordada por algo que não sabe como ordenar, com suas faces de ternura e crueldade.

Se bem o lugar de mãe se corta com o lugar de mulher para um homem, este lugar também se encontrava comprometido por uma irrupção entre os pais enquanto homem e mulher. Ela, enquanto mulher, não consegue atingir esse homem e ao mesmo tempo parece que esse homem, que é o pai das crianças, não a coloca como objeto de seu desejo. Ao se ver transbordada por algo que lhe apavora, consegue se afastar, e nesse intervalo se envolve com um colega que a torna mulher. Acomoda algo desde que lhe ressoa com a poesia preferida, numa língua singular entre sussurros que lhe dá ao corpo algo de consistência para ordená-la.

Esta língua singular, alíngua, que não é a particular italiana, provoca nela certo anodamento desde a mulher que lhe permite aceder à demanda das filhas. Testemunhamos uma mostração, numa cena, ao não se incomodar quando elas sobem no seu corpo, se deixa tocar sem angústia a algo que agora consegue responder. Esta possibilidade de conseguir anodamento não era alcançado como filha de sua mãe, é desde o lugar de mulher para um homem que lhe permite um trânsito para a maternagem.

Capturada ou fisgada enquanto mulher, pelo amante, pode articular duas questões que para ela estavam dissociadas - ser mãe e ser mulher. Articula duas vertentes que antes se resolviam na sua disjunção, uma ou outra. Não conseguia integrá-las pela angústia de ocupar talvez o lugar de rechaço dado pela sua mãe. Quando algo da ordem do estragado, sujo aparece, joga o objeto fora por inteiro. Era uma resolução, uma forma de sair da angústia.

Desde o início o autor trabalha com partes descompostas das frutas, regurgitações, rabiscos de caneta numa boneca, essas partes não esperáveis que poderiam ser minimamente retiradas, para continuar na cena. Possivelmente identificada como essas partes estragadas, como ela mesma se sentia, em relação a sua mãe, ela resolve jogar tudo fora a fruta, a boneca, etc.

Mas no interstício do filme, há uma cena que vai ocupando vários momentos, que é dito tanto pelas filhas como por ela mesma, assim como dá a sua poesia o nome de serpentina, de cobrinha, quando se descasca uma laranja: algo que não se corta, que continua em seu formato circular para além de algo que seria o fim por ter pensado talvez que a laranja não tem outro lado, que o formato redondo da laranja continua para além do suposto fim, quando a gira na mão. Este mais além que é possível refazer está nessa volta, na junção de significantes antes desamarrados.

